

Mais um ponto de reflexão para o 1º Sínodo da Diocese de Bissau.

*No conjunto dos sacramentos deveríamos descobrir o papel importantíssimo que o sacramento da UNÇÃO DOS DOENTES pode e deve ter na nossa evangelização e na nossa pastoral.

Sabemos que é com o aparecer da doença que mais vacila a fé dum cristão não bem formado: é mesmo na altura que se evidencia duna forma às vezes "brutal" a "dicotomia" de que são vítimas muitos dos nossos baptizados: logo aparecem as dúvidas: de serem abandonados por Deus, de ter culpas ocultas, desconhecidas, talvez herdadas dos antepassados, suspeitam de serem vítimas de "janfa", e não è raro o recurso à divinação, o recurso à "contra-janfa" com tanto de "rónia" ou de recurso ao Mouro ou ao "Jambakoss". Sem falar da pressão psicológica exercitada pelos familiares e parentes, de maneira particular quando se trata de doenças de crianças.

Nada de estranhar: è um legado da própria cultura que tem uma visão "olística" do ser humano em força da qual uma doença nunca afecta uma pessoa só no plano físico, puramente biológico, atacável através de remédios e mais nada: sempre há uma componente psicológica, moral (culpas não expiadas de antepassados ou do próprio doente), até "cosmológica" (o tal animal partner ou "gémeo", mais ou menos o "totem", que partilha comigo o meu estado de saúde ou de doença e que os Felupes chamam de "euwum âi"). Todas razões que impelem a procurar algo de religioso ou de mágico que se acompanhe com o tratamento propriamente medicinal. (Aliás não è uma novidade que o estado psicológico do doente torna mais ou menos eficaz o próprio tratamento medicamentoso: há uma interação, uma sinergia real entre as duas dimensões da pessoa humana, a física e a espiritual.)

Nada de admirar também no que diz respeito ao recurso a algo que transcende a pura e simples aplicação de remédios, não excluindo práticas mnos "racionais" ou menos "ortodoxas", porque isto acontece até em culturas mais evoluídas, que até receberam o anúncio do Evangelho desde muitos séculos.... e onde aparecem até novas ideologias segundo as quais não valeria a pena de continuar a viver, desde que a vida tenha deixado de ser saudável e "digna de ser vivida"; com o conseguinte à eutanasia.

O que mais aparece estranho, no caso de um doente cristão, è o esquecimento total do recurso a Deus através do sacramento da Unção dos doentes ou, quando alguém se lembra dele, o medo de chamar o padre porque isto seria sinal de morte iminente.

Deveríamos impostar a catequese deste sacramento duma forma diferente.

Não se trata de acantoar o que a própria Palavra de Deus nos diz através da carta de Tiago e a Igreja nos explica falando de Deus que vem visitar o doente com a sua misericórdia testemunhada até pela comunidade cristã (a Igreja de que fala o próprio Tiago, representada não só pelo padre, mas, onde e quando for possível com a devida preparação, também por membros da comunidade.)

Em comunidades com um número consistente de membros idosos ou de limitada "vida social" devido ao peso da idade ou de doença, já acontece que este sacramento, que pode ser repetido, seja proposto de vez em quando, para ser celebrado na comunidade com os doentes que podem estar presentes, sendo depois "levado" aos que não puderam aparecer. Costumamos levar a comunhão: podemos dar espaço também a este sacramento, celebrando-o até com uma certa solenidade?

Porque não associar o aparecer da doença a uma chamada de Jesus a se unir ao seu sacrifício da Cruz para a salvação dos homens? Não seria fácil nesta perspectiva associar esta chamada à figura de Simão de Cirene, o Cireneu que carregou com a cruz de Jesus? Não quer dizer resignar-se definitivamente à doença: parece que o Cireneu não carregou a cruz até ao Calvário; com certeza

não foi pregado nela. Só se tratou dum episódio da sua vida, depois do qual continuou a tratar dela. O mesmo pode acontecer ao cristão que recebe o sacramento da Unção dos enfermos, desde que não espere a chamar o padre nas últimas fases da doença, mas o faça desde que a doença comece a preocupar e a ser um problema para ele.

Desta forma o sacramento dos doentes apareceria rico de um dinamismo apostólico capaz de contrastar qualquer dúvida ou medo capazes de "desequilibrar" a fé do doente.

A perspectiva "vocacional" que o sacramento assumiria é capaz de fazer aparecer no pensamento do doente que "val a pena" de entregar esperanças e medo, dúvidas e sofrimento nas mãos de Jesus em prol de.... e aí vão as intenções que justificam a aceitação "dinâmica" da provação que a doença em si mesmo representa. Ela não deixa de ser algo negativo na vida de uma pessoa, que continua a lutar para recuperar a saúde, mas é "transfigurada" assumindo algo que se parece com a cruz que, de instrumento de morte foi transformada por Cristo em fonte de vida nova.

NB. O que acabo de dizer não é só fruto de raciocínio ou de mera especulação, mas sim vem da minha experiência pessoal: trata-se da atitude que, com a ajuda de Deus e do exemplo de pessoas que conheci, eu próprio assumi desde que em 1997 me foi diagnosticada a primeira das doenças que sucessivamente apareceram na minha vida e me vão acompanhando ao longo dos anos; para mim elas se tornaram como que uma vocação ulterior com que Deus me gratificou: o que me proporciona a paz interior que torna ainda mais eficaz a minha "colaboração" com os remédios com que tento contrastar os efeitos das doenças, defendendo a vida que sempre é um dom de Deus.

Padre Zé Fumagalli Brugherio (It) 6.6.16